Food and Agriculture Organization (FAO)

Batalha vencida

Adriano José Timossi*

A PARTIR de 1˚ de janeiro, o professor e ex-ministro José Graziano da Silva será o primeiro latino-americano a ocupar o cargo de Diretor-Geral da FAO, agência especializada da ONU para Alimentação e Agricultura. O candidato brasileiro concorreu com outros cinco candidatos, sendo eles do Iraque, Irã, da Indonésia, Áustria e Espanha. Desde que anunciada sua candidatura, no fim de 2010, o Prof. Graziano da Silva foi considerado um dos favoritos. Todavia, a nomeação de última hora do espanhol Miguel Ángel Moratinos Cuyaubé, ex-ministro de Relações Exteriores, mudou o rumo da disputa, já que o espanhol rapidamente tornou-se o principal rival do candidato brasileiro.

Com cerca de dez derrotas em campanhas internacionais recentes, a diplomacia brasileira estava sob forte pressão. A campanha de Graziano foi marcada por muita cautela e contou com um importante trabalho de coordenação do Itamaraty. Também de uma saudável cooperação com outros ministérios envolvidos no tema da agricultura, do desenvolvimento agrário e social.

No contexto regional, foi importante a consolidação do apoio da América Latina e do Caribe, com a triste exceção do México, que, obviamente, foi malvista por boa parte dos países vizinhos e, sobretudo, nas vésperas da criação da Comunidade Latino-Americana de Países (Celac), nova instituição regional fortemente apoiada pelos mexicanos e lançada por eles na Cúpula da União realizada em 2009. Do lado espanhol, foi marcante igualmente o fato de que a Espanha quebrou um pré-acordo entre países Ibero-americanos, o que indica a fraqueza crescente deste fórum de dialogo.

Evitou-se, portanto, repetir o cenário ocorrido na disputa pela diretoria da OMC quando a apresentação de candidatos do Brasil e Uruguai nada mais fez que dividir a região e favorecer a vitória do ex-comissário de comércio da União Europeia e atual diretor, Pascal Lamy. Nas eleições da FAO, este quadro se repetiu, mas, desta vez, no lado dos europeus como mencionado anteriormente. A incapacidade da UE em concentrar seu apoio e peso político-econômico sobre um único candidato para a FAO foi vista pelos espanhóis como um dos fatores decisivos para a derrota de Miguel Moratinos.



Graziano da Silva (à esquerda) – atual diretor-geral da FAO
Jacques Diouf (à direita) – ex-diretor-geral da FAO

O trabalho do País no tema de agricultura e redução da fome certamente pesou na campanha, e, claramente, a figura internacional do presidente Lula, que acabara de ganhar o premio do Programa Mundial de Alimentação por seu trabalho contra a fome, em boa parte assistido por Graziano, foi, igualmente, importante elemento do sucesso do Brasil na FAO. A África, detentora de 53 votos, estava na mira da diplomacia brasileira e da espanhola. Buscava-se, também, um apoio generalizado dos membros do G-77, grupo que reúne cerca de 130 países em desenvolvimento, em caso de uma disputa final entre Moratinos e Graziano.

A campanha de Graziano, desde o princípio, buscou focar na eliminação da fome como bandeira principal de sua campanha. Procurou-se evitar temas sensíveis e divisores nas discussões internacionais da agenda agrícola, como agricultura intensiva, monocultura, bicombustíveis, desmatamento, subsídios agrícolas. A Espanha usou seu poder de país donante para ganhar votos na África, América Latina e no Caribe, com apoio de outras nações do Norte com forte peso na FAO. Miguel Moratinos visitou 90 países e atendeu a mais de dez conferências internacionais de alto nível. Graziano viajou menos, mas foi muito pragmático e focou em reuniões e regiões-chave, após ter consolidado o apoio da América do Sul, do Caribe e de membros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). Houve muita cautela da diplomacia brasileira, consciente de que não seria uma batalha fácil.

Na direção da FAO, o sucesso de Graziano da Silva dependerá muito de sua capacidade de ouvir as diferentes vozes e de forjar uma estratégia comum, visionária, livre dos ranços do passado. Deverá revitalizar a FAO, tornando esta instituição mais leve, forte e menos burocrática, apta para responder aos desafios globais de longo tempo, como a fome, e a desafios emergentes, tais como mudanças climáticas. Graziano deverá trabalhar dia e noite para fazer valer o *slogan* da agência especializada da ONU, ou seja, *Fiat panis*, frase latina que significa: Que haja pão. As conquistas da agricultura brasileira e a experiência do setor poderiam ser um dos pilares no dia a dia do trabalho do mais alto representante brasileiro na ONU. ■

* Engenheiro Agrônomo, especialista em Assuntos Agrícolas